



CLIMA

Nova geração atenta ao meio ambiente

Preocupados com a crise climática, jovens se engajam a favor da sustentabilidade. Segundo o Unicef, 40 milhões de crianças estão sob risco

» ISABEL DOURADO*

Considerados o futuro do planeta, os jovens estão cada vez mais engajados em pautas ligadas ao meio ambiente e de bandeiras sustentáveis. O protagonismo cresceu à medida em que são sentidos os efeitos das mudanças climáticas. Um estudo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) apontou que mais de 40 milhões de crianças e adolescentes do Brasil estão expostos a um ou mais riscos ambientais agravados pelo aquecimento global.

O ativista indígena João Vitor Pankararu, 25 anos, é um dos jovens que luta por um mundo mais ecossistêmico. Integrante da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoimne), ele teve a oportunidade de participar da COP27 — conferência do clima da Organização das Nações Unidas (ONU), no Egito.

“Foi muito significativo para mim, enquanto jovem, e enquanto morador de uma região do Nordeste, que é um bioma, a caatinga — muito pouco falado. Levar a esses espaços, esses diferentes contextos, essas diferentes realidades é muito importante para que as pessoas do mundo conheçam e tomem ciência de que existem muitos agentes fazendo essa transformação e que nós, jovens, estamos envolvidos nessa grande proteção ao meio ambiente”, disse. Pankararu também esteve presente na Semana do Clima em Nova York, Estados Unidos, em setembro. No Egito, ele teve a oportunidade de trocar experiências com outros jovens engajados em pautas ambientais. “Ações como, reflorestamento, plantio de mudas, monitoramento dos territórios indígenas, tudo isso são práticas que nos aproxima da terra e a gente consegue ouvir os sinais que a terra tem dado”, apontou.

“A gente está diretamente nos territórios entendendo como as coisas têm acontecido, como a Terra tem se comportado e estamos tentando difundir esse recado, que a Terra precisa de ajuda”, destacou Pankararu.

Na mesma direção, a jovem indígena Bruna Flávia Tabajara, 23 anos, moradora da Aldeia Vitória, João Pessoa, Paraíba, ressaltou que as pautas verdes estão cada vez mais presentes nos debates de sua faixa etária. Ela também destacou as discussões sobre os povos originários.



Ativista indígena João Vitor Pankararu participou da COP27, no Egito, e da Semana do Clima, em Nova York

Propostas ao governo eleito

» ROSANA HESSEL

O Instituto Escolhas pretende entregar uma série de propostas sobre a preservação do meio ambiente à equipe de transição do novo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O plano de recuperação vai apresentar sugestões para proteção das florestas, além de ações para impulsionar o seu aproveitamento econômico de forma sustentável.

O conjunto de propostas tem como objetivo fortalecer a agenda voltada para a sustentabilidade. O plano poderá criar, inicialmente, 215 mil empregos e gerar até R\$ 23 bilhões em receitas anuais. Ainda é prevista uma arrecadação anual de R\$ 6,5 bilhões em impostos anuais com as medidas sugeridas pelo grupo.

A primeira ação prevista no documento é a aprovação do Projeto de Lei Nº 5.518, de 2020, que torna as concessões florestais atrativas economicamente, pois autoriza a comercialização de créditos de carbono. E, a segunda, é o compromisso de recuperar 12 milhões de hectares de florestas até 2030 — envolvendo o plantio de 8 milhões de árvores. De acordo com Sergio Leitão, diretor executivo do Instituto Escolhas, as propostas apresentadas pela entidade indicam que a floresta pode gerar renda e emprego. “A hora agora é a de substituir recordes de desmatamento por recordes de plantio de árvores”, frisou Leitão. Segundo ele, a expectativa é que o plano seja apresentado ao governo eleito “nas próximas semanas”.

O desmatamento vem batendo recordes no governo de Jair Bolsonaro (PL), devido ao desmantelamento dos órgãos de fiscalização, o que tornou o país um pária global na área ambiental. Segundo dados do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon) divulgados recentemente, de janeiro a outubro deste ano, o desmatamento da Amazônia somou 9.696km², área equivalente a mais de seis vezes a da cidade de São Paulo. Foi o segundo pior dado acumulado dos últimos 15 anos, perdendo apenas para 2021, quando foram desmatados 9.742km² na região.

FUTURO EM RISCO

Número de crianças e adolescentes expostos a riscos ambientais

Falta de água	8,6 milhões
Enchentes fluviais	7,3 milhões
Enchentes costeiras	1,8 milhões
Ondas de calor	13,6 milhões
Poluição do ar ambiente	24,8 milhões
Vivendo em áreas com alta poluição por pesticida	27,8 milhões

Fonte: Unicef

“Cuidar do clima e do meio ambiente é cuidar do nosso futuro e isso é muito importante. Quando se trata de pautas ambientais, a população seja indígena ou não indígena, tem que agir conjuntamente. Os indígenas são mais atingidos porque o meio ambiente está sendo degradado e nos atinge de forma direta”, defendeu.

Tabajara ressaltou que o reflorestamento, a plantação de mudas e o monitoramento dos territórios indígenas são algumas das ações que ajudam na

preservação da biodiversidade do país. “Temos realizado uma ação de reflorestamento na minha aldeia com o apoio do instituto Hans Haller Stiftung — fundação de apoio a crianças e adolescentes do Nordeste. Eles fizeram a doação de mudas de árvores e a ação foi essencial para cuidar e olhar para o nosso futuro”, afirmou.

Clima extremo

Segundo dados do relatório Crianças, Adolescentes e

Mudanças Climáticas no Brasil, publicado em novembro deste ano pelo Unicef, mais de 40 milhões de crianças e adolescentes estão expostas a um ou mais riscos ambientais no Brasil. O estudo apontou que faltam no país políticas públicas de combate à crise climática que priorizem as populações mais vulneráveis.

Crianças, principalmente as em situação de vulnerabilidade, como as negras, pobres e indígenas, são as mais sujeitas aos efeitos ambientais. Os impactos seriam desde a frequência de chuvas até a amplitude térmica e as ondas de calor; da quantidade e da intensidade de eventos extremos, como ciclones e queimadas, até o prolongamento de secas extremas (veja dados ao lado). Todos esses fenômenos afetam a vida humana de diversas formas, colocando em risco o bem-estar, o desenvolvimento e a própria sobrevivência das pessoas.

De acordo com o estudo Índice de Risco Climático das Crianças, do Unicef, em todo o mundo passa de dois bilhões o número de crianças expostas a mais de um efeito negativo, choque ou estresse climático. O levantamento indicou também que mais de 8,6 milhões de meninas e meninos brasileiros podem

sofrer com a falta de água; e mais de 7,3 milhões com o risco de enchentes de rios.

A antropóloga e indigenista Amanda Signori indica que a ecologia é um assunto essencial para a sobrevivência dos povos originários. Ela destacou que a escalada do desmatamento, o avanço do garimpo e outras práticas de destruição do meio ambiente afetam diretamente a vida dos indígenas.

“Há muito tempo os povos originários (indígenas, quilombolas, ribeirinhos) nos informam como preservar a natureza e todas as formas de vida existentes. E se são eles hoje os mais afetados é justamente porque não tem essa separação natureza e cultura. Ou seja, os seus modos de vida estão diretamente associados e interligados à preservação da natureza”, explicou.

Na avaliação da antropóloga, os jovens devem estar inseridos nos debates socioambientais. “É importante que o tema seja abordado nas escolas, mas considerando sempre a relação do movimento ambientalista com o movimento indígena. Os jovens precisam ser estimulados cada vez mais a pensar nisso”, disse.

* Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

PANDEMIA

Anvisa aprova remédio contra covid-19

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) liberou o uso do medicamento Paxlovid — criado contra covid-19. De acordo com a decisão tomada ontem pela diretoria colegiada do órgão, a venda em farmácias deve ser feita sob prescrição médica. No entanto, o fármaco não deve substituir o esquema vacinal.

“A autorização da Anvisa prevê ainda que o fabricante deve manter e priorizar o abastecimento para o programa do Sistema Único de Saúde (SUS)”, detalhou a agência. “A aprovação levou em consideração a

venda do medicamento ao mercado privado em outros países com autoridades internacionais de referência, como Estados Unidos e Canadá. A medida também considerou o cenário epidemiológico atual, com a circulação das novas subvariantes da Ômicron e o aumento de casos da doença no país”, destacou a Anvisa.

Em nota, a diretora-relatora, Meiruze Freitas, reiterou que o tratamento não substitui a imunização. “A vacinação continua sendo a melhor estratégia para evitar a covid-19, as hospitalizações e os óbitos”, afirmou.

Emergencial

O Paxlovid teve o uso emergencial aprovado no Brasil em 30 de março deste ano. A Anvisa explicou que o medicamento composto por comprimidos de nirmatrelvir e ritonavir embalados e administrados em conjunto “é indicado para o tratamento da doença em adultos que não requerem oxigênio suplementar e apresentam risco aumentado de progressão para covid-19 grave”.

O remédio não poderá ser usado para tratamento de pacientes que requerem hospitalização por manifestações graves ou críticas

“Também não está autorizado para profilaxia pré ou pós-exposição para prevenção da infecção pelo novo coronavírus. E não está autorizado para uso por mais de cinco dias”, disse a Anvisa.

O órgão afirmou também que como não há dados do uso do remédio em mulheres grávidas, recomenda-se que seja evitada a gestação durante o tratamento. “Finalmente, o Paxlovid não é recomendado para pacientes com insuficiência renal grave ou com falha renal”, acrescentou.

Com informações da Agência Estado

Joe Raedle/Getty Images/AFP



Anvisa liberou o uso do medicamento Paxlovid, contra a covid-19